

# REFERIR-SE AO DISCURSO DO OUTRO: ALGUNS ELEMENTOS DE COMPARAÇÃO ENTRE ESPECIALISTAS E PRINCIPIANTES\*

*Françoise Boch*  
*Francis Grossmann\*\**

## RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo a citação em textos teóricos produzidos por estudantes universitários. Na primeira parte, trata, inicialmente, da forma como é abordada a citação nos manuais de metodologia da escrita destinados aos estudantes. A análise dessas obras aponta uma falta, geral, de ancoragem teórica na apreensão da citação, que é tratada muito freqüentemente sob um ângulo moralizador e tecnicista. A segunda parte propõe possibilidades de trabalho visando integrar a citação nas práticas de escritura mais gerais. Trata-se, em particular, de restituir à citação sua dimensão estética, de melhor considerar sua dimensão funcional e seu papel de legitimação e, enfim, de permitir aos estudantes ampliar seu potencial de produção de sentido. A terceira parte, ilustrativa, identifica alguns problemas apresentados nas práticas de citação de alunos do segundo ano, quando são confrontados com a escritura de um relatório de estágio.

**Palavras-chave:** Citação; Discurso do outro; Práticas de escritura na universidade; Discurso teórico; Didática da escritura.

As dificuldades que encontram os estudantes universitários em face do discurso do outro em seus textos teóricos são bem conhecidas. Assinala, por exemplo, as dificuldades técnicas que apresenta a inserção de citações, o fato de a origem das referências não ser sempre recuperável, ou, ainda, o insuficiente domínio do gerenciamento da polifonia. Em uma contribuição anterior (Boch e Grossman, 2001), colocamos em evidência sobretudo o fato de que os estudantes universitários têm dificuldade de inscrever o apoio que lhes oferece o discurso do outro em uma

---

\* Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio.

\*\* Professores da Université Stendhal, Grenoble III, França, vinculados ao LIDILEM (*Laboratoire de Didactique de Langue Etrangère et Maternelle*).

verdadeira dinâmica de escritura, que lhes permitiria progredir em termos de reflexão pessoal. Ora, reconhecamos, as respostas dadas a essas dificuldades parecem pouco adequadas, caso se faça referência às prescrições das obras destinadas aos pesquisadores aprendizes, ou aos conselhos metodológicos fornecidos em cursos e seminários. Além do caráter normativo das recomendações (que provocam impasse em relação à heterogeneidade das práticas dos especialistas), os estudantes universitários são colocados frente a exigências contraditórias: citar, mas não muito, dar prova de originalidade, mas se referir permanentemente ao discurso dos professores.

Reduzido a uma questão de medida, de bom gosto, o apoio no discurso do outro aparece, então, na maior parte do tempo, como uma necessidade acadêmica mais do que como o meio que permitiria suscitar o questionamento, colocar em causa um ponto que parece adquirido, ou resolver um problema teórico reformulando-o. Aliás, focalizando-se em um modelo ideal, apagando-se as variações que podem ter as diferentes formas de apoio sobre o discurso do outro, esquece-se de que a escrita pessoal passa por uma gênese complexa, na qual o papel das referências e citações pode evoluir sensivelmente. Nosso objetivo principal, neste artigo, é, portanto, fornecer algumas informações sobre a maneira como estudantes universitários iniciantes mobilizam autores ou fontes exteriores, confrontando seus procedimentos com as estratégias utilizadas pelos especialistas. Essa comparação permitirá precisar como os principiantes apóiam-se no discurso do outro, colocando em evidência sua originalidade em relação aos pesquisadores estabelecidos.

## PROCEDIMENTO E PROBLEMAS METODOLÓGICOS

Primeiramente, procedemos a uma análise das produções dos especialistas, no caso, pesquisadores em lingüística, a partir de um *corpus* de artigos de oito números recentes da revista *Langages*. Esse objetivo nos levou a desenvolver uma análise das diferentes formas sob as quais se revestem as referências ao discurso do outro nos textos dos especialistas,<sup>1</sup> a fim de dispormos de um parâmetro para comparação.

Em um segundo momento, efetuamos uma análise de produções dos estudantes (descritas a seguir), já que queríamos saber se os estudantes de DEUG<sup>2</sup> utilizavam em maior ou menor quantidade que os especialistas as formas específicas de referência ao discurso do outro (por exemplo, a citação).

Por último, procuramos identificar as estratégias dos estudantes, distinguindo o que seria resultado das restrições do gênero do que poderia se originar de sua falta

---

<sup>1</sup> Essa primeira etapa foi apresentada na revista *Faits de Langue* (Grossman, a sair).

<sup>2</sup> Nota de tradução: o DEUG, *Diplôme d'Etude Universitaire Général*, é um diploma oferecido em diferentes áreas de conhecimento, obtido após dois anos de estudos universitários.

de domínio. Nossa análise teve como objetivo, portanto, verificar as diversidades de formas e de funções das referências ao discurso do outro, apontando aquelas que apareciam mais especificamente em um dos dois *corpora*.

Os dois *corpora* são diferentes do ponto de vista do gênero: em um caso, temos *artigos de pesquisa*, correspondendo às normas esperadas em uma revista de alto nível, em que a dimensão teórica é muito importante. Noutro caso, temos *relatórios de estágio*,<sup>3</sup> nos quais as referências teóricas têm apenas um papel de apoio para a reflexão e a análise. Apesar dessas diferenças, a comparação é, para nós, possível, em razão das características desses dois *corpora*: o relatório de estágio é redigido por estudantes de segundo ano da universidade (que se destinam a carreiras no magistério), no quadro de uma opção de pré-profissionalização, seguida de um estágio de acompanhamento educativo de cerca de quinze horas, nas quais eles são ativos: apoio escolar, ajuda na realização de deveres, cursos particulares ou coletivos, em MJC<sup>4</sup> ou estabelecimento escolar. O sucesso no módulo é sancionado pela avaliação desse relatório, de aproximadamente vinte páginas. Esse relatório constitui, para a maioria dos estudantes, uma primeira iniciação à pesquisa. Uma das exigências mais fortes feitas pelos formadores é relativa à necessidade de articular suas práticas pedagógicas como estagiários aos saberes teóricos de referência (essencialmente em ciências da educação). Assim, mais do que ocorre nos memoriais mais acadêmicos (memorial de *graduação*, por exemplo), a articulação entre a fala do escritor e a dos autores que ele insere em seu texto deveria ser favorecida: o discurso teórico não serve, prioritariamente, como pode ser o caso em outros textos, para construir uma argumentação teórica, ou para fazer um estado da arte sobre uma certa questão, mas para analisar e retomar as escolhas pedagógicas efetuadas pelo estudante em seu estágio, levando-se em conta os problemas eventualmente observados.

O que está em jogo no estudo desse duplo *corpus* é, portanto, a comparação entre um quadro teórico e dados lingüísticos, no que se refere a *Langages*, ligados à observação de situações de ensino/aprendizagem, no que diz respeito aos relatórios de estágio. As diferenças de gênero representam, entretanto, um ângulo a ser considerado.<sup>5</sup>

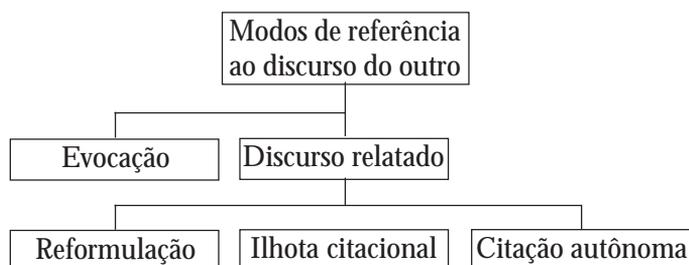
<sup>3</sup> Esse *corpus* é constituído de 31 relatórios de estágio de alunos de segundo ano universitário, realizados em maio de 2001, no quadro da pré-profissionalização para o domínio do ensino.

<sup>4</sup> Nota de tradução: os autores referem-se aos centros sociais, administrados pelos municípios, denominados *Maison des Jeunes et de la Cultures*.

<sup>5</sup> O problema metodológico subjacente concerne à possibilidade de comparar produções escritas de principiantes e especialistas, pois, quando um escritor submete um artigo a uma revista, é porque ele se tornou especialista. A diferença de gêneros parece, assim, incontornável, se o que se pretende é identificar a evolução das competências, já que os iniciantes têm acesso à produção de gêneros diferentes daqueles que praticam os especialistas.

## OS MODOS DE REFERÊNCIA AO DISCURSO DO OUTRO

Partimos da idéia geral de que, na escrita teórica, os modos de referência ao discurso do outro são variados, sendo a citação somente uma dentre outras formas – sem dúvida, a mais explícita – de assinalar que o escritor se apóia no discurso do outro. O Esquema 1 apresenta a tipologia assumida como base de análise.



Esquema 1: Tipologia dos modos de referência ao discurso do outro

Na *evocação*, o escritor faz alusão a trabalhos sem pretender resumir seu teor:

Em lingüística, podem-se citar os estudos que marcaram os fins dos anos 80, Cruise (1986), Winston, Chaffin e Hermann (1987), Evens (1988), Iris, Litowitz e Evens (1988), Chaffin e Hermann (1988).

No *discurso reportado*, o escritor indica que resume, reformula ou cita o discurso do outro. É possível distinguir três categorias de discurso reportado. A *citação* cria um espaço autônomo no plano enunciativo, enquanto a *reformulação* permite ao escritor integrar a fala do outro em seu próprio dizer, assumindo-a do ponto de vista enunciativo. A “ilhota citacional” permite tanto a integração quanto a colocação em evidência do segmento citado, pela marca escritural, graças ao itálico e às aspas. Em definitivo, caso se deixe de lado o rótulo discurso reportado, que tem tendência sobretudo de mascarar as oposições principais mais do que colocá-las em evidência, parece preferível distinguir a *evocação* – que permite colocar em segundo plano os conhecimentos compartilhados, ou os elementos não essenciais ao propósito, inscrevendo, ao mesmo tempo, a pesquisa em um espaço epistêmico identificável – da *reformulação* e da *citação* – que traduzem, cada uma a seu modo, uma maneira específica de se apoiar no dizer do outro. Os critérios utilizados para distinguir essas três categorias são mostrados no Quadro 1.

### Quadro 1

#### Critérios que permitem diferenciar os modos de referência ao discurso do outro

Evocação	Reformulação	Citação
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de marcas introdutórias de discurso reportado (tais como: <i>segundo X</i>, <i>como afirma X</i>, ou equivalentes).</li> <li>• Ausência de desenvolvimento temático do dizer do outro.</li> <li>• Presença de um nome próprio de autor, frequentemente com data à qual o autor do artigo se refere, sem precisar o teor do texto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Presença de marcas introdutórias do discurso reportado (<i>segundo X...</i>, <i>de acordo com X...</i>, <i>para X...</i>, <i>como X afirma...</i>, <i>como X pretende...</i>, etc.).</li> <li>• Ausência de marcas escriturais tais como aspas (ou verbais, como <i>eu cito X</i>, <i>para retomar as palavras de X</i>).</li> <li>• O discurso do outro é integrado no discurso de quem escreve e não tem autonomia enunciativa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Marcas, geralmente escriturais, como aspas, itálico ou bloco tipográfico, permitem identificar um segmento do texto como extraído de uma fonte externa; essas marcas podem, às vezes, ser substituídas por comentários metalinguísticos: <i>eu cito X...</i>, <i>para retomar as palavras de X...</i>;</li> <li>• Autonomia enunciativa do segmento citado (salvo no caso da “ilhota citacional”).</li> </ul>

#### OS MODOS DE REFERÊNCIA PRIVILEGIADOS

Impressiona, nos textos dos especialistas, a importância da evocação (51%), o que traduz, sem dúvida, o fato de os artigos de uma revista como *Langages* se inscreverem sempre em um horizonte conceptual pré-definido, ligado, em geral, à problemática do número, horizonte que autoriza a alusão teórica. No que diz respeito ao discurso reportado, a reformulação (com a data de publicação entre parênteses) é o modo de referência mais comum, amplamente dominante nos textos dos especialistas (35%). Já a citação é pouco frequente (14%) e aparece marcada linguisticamente. O Gráfico 1 permite contrastar as práticas dos especialistas e as dos estudantes universitários.

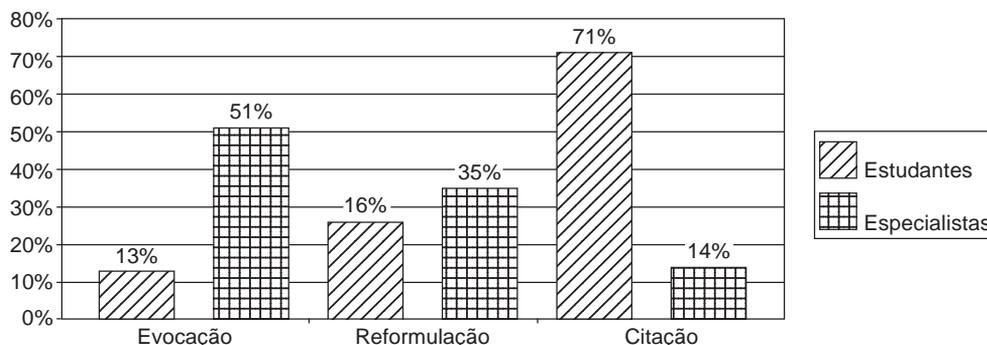


Gráfico 1: Pesos respectivos da evocação, da reformulação e da citação em textos de principiantes e especialistas

A preferência que os especialistas têm pela reformulação pode ser explicada de duas formas. Em primeiro lugar, a reformulação é mais econômica e permite que não se perca o fio da análise. Em segundo lugar, ela facilita o controle do gerenciamento enunciativo (a citação introduz obrigatoriamente a heterogeneidade nesse plano). A citação aparece, então, apenas em alguns lugares privilegiados, quando o escritor tem necessidade de exibir a forma literal do dizer do outro, em particular nas definições emprestadas a alguém, ou quando visa a um efeito estético.

A situação é totalmente diferente no caso dos estudantes universitários, nos textos dos quais há supervalorização da citação em relação à reformulação (71% contra 35%). A evocação ocupa, por sua vez, um espaço de pouca importância (13%).

No que diz respeito a essa supervalorização da citação em relação à reformulação, elaboramos as seguintes hipóteses:

- a citação permite acumular fragmentos de discursos teóricos e se liga, dessa forma, à fase de trabalho que precede a fase de escritura da problemática;
- citando, o estudante evita incorrer em uma reformulação não pertinente;<sup>6</sup>
- a citação fornece modelos de estilo científico e tem, por isso, um papel de aculturação à escrita teórica, permitindo, também, “controlar” os conceitos do campo de referência;
- trata-se, de fato, de um primeiro contato com a retórica própria do discurso científico: de um ponto de vista lingüístico, essa “distância” se traduziria mais espontaneamente pela justaposição (sintática e enunciativa) do discurso do estudante e daquele que ele empresta – ou seja, a citação – do que pela fusão, característica da reformulação.
- pode-se supor, aliás, que a orientação “coloque seus conhecimentos e cite suas fontes”, sem outras explicações, é entendida como a injunção “faça citações”. É quase certo, com efeito, que, para os estudantes, a citação representa a forma canônica de referência ao discurso do outro, sem dúvida porque o estudante não está familiarizado com a prática da reformulação, freqüentemente apresentada no discurso dos professores como a da paráfrase e, conseqüentemente, como plágio (cf. Daunay, 2002).

---

<sup>6</sup> Essa hipótese retoma algumas conclusões de trabalhos anteriores (Boch, 1999). Esse estudo consistia em comparar quantitativamente as tomadas de nota efetuadas por estudantes de primeiro ano e de licenciatura em ciências da linguagem. Um dos resultados obtidos mostra que os estudantes de licenciatura praticam amplamente a retomada literal do texto-fonte escrito do qual eles deviam tomar nota, enquanto os estudantes do primeiro ano realizam sobretudo a atividade de reformulação. A hipótese é de que a retomada literal, que constitui de fato um risco mínimo, é uma estratégia mais garantida para o sucesso universitário. Pode-se imaginar que a prática da citação, igualmente de fidelidade, participa da mesma estratégia.

- enfim, a citação de um autor autorizado permite ao principiante, mais do que a reformulação, fundamentar ou valorizar seu dizer; essa função, que pode aparecer nos textos dos especialistas, é ainda mais importante quando não se tem uma posição dominante no campo.

Se essas hipóteses têm fundamento, então, não parece pertinente solicitar aos estudantes que citem menos e, sobretudo, que reformulem. O recurso à citação aparece, com efeito, ligado a restrições sociolingüísticas, a formas de insegurança que só um melhor domínio dos conteúdos mas também uma mudança de *lugar* permite controlar.

## ANÁLISE CONTRASTIVA DAS FUNÇÕES DO DISCURSO DO OUTRO

### Os especialistas

O estudo qualitativo efetuado a partir de artigos da revista *Langages* permite distinguir algumas das funções principais do recurso ao discurso do outro pelos especialistas:

- introduzir seu ponto de vista (“*Desde 1966, X assinalava que ...*”);
- marcar o pertencimento a uma corrente, a uma escola (“Meu estudo se situa no quadro da teoria da polifonia tal como foi desenvolvida por Oswald Ducrot (1984)”);
- referir-se a trabalhos anteriores, para traçar o estado de uma problemática, para sustentar uma definição;
- fundamentar uma afirmação (“A compreensão em leitura está ligada à automatização dos processos de baixo nível (Fayol, 1988)”);
- discutir uma afirmação, se afastar de uma posição (“Se se pode admitir, com D. Véronique, que ‘outros morfemas além dos adjetivos podem aparecer em condições comparativas’ (1963, p. 204), o exemplo que o autor dá apresenta alguns problemas (...”).

### Os estudantes

Os estudantes atribuem também um certo número de funções ao discurso do outro, mesmo se, de um modo geral, as funções parecem ser menos variadas. Por exemplo, se eles se apóiam freqüentemente no dizer do outro, para fundamentar uma afirmação, para introduzir seu ponto de vista, ou para sustentar uma definição, não ocorre nunca de eles marcarem seu pertencimento a uma corrente ou a uma escola, o que não é de surpreender. Mas havia uma expectativa menor de que eles ape-

nas muito raramente se afastassem das posições expressas por um autor, ou que eles sequer pensassem em, apoiando-se no discurso do outro, traçar o estado de uma questão ou de uma problemática. O gênero relatório no qual se inscreviam seus textos não os levava, entretanto, a traçar verdadeiros estados da questão. É ainda mais interessante notar, aliás, que os estudantes utilizam o discurso do outro para objetivos específicos, não verificados nos textos de especialistas.

Duas funções da citação são muito recorrentes. Trata-se, em primeiro lugar, de justificar, não somente uma afirmação (como fazem os especialistas), mas sobretudo um comportamento, ou, mais precisamente, as diferentes estratégias adotadas para auxiliar o aluno que lhes é confiado no interior de seu *estágio de ajuda à aprendizagem*.

Assim ocorre no exemplo a seguir:

- a) “Eu tento incitá-lo a procurar as definições de palavras que ele [o aluno] não conhece em um dicionário. Em *Monde de l'éducation*, uma pesquisa de M. Bobasch mostra ‘que é necessário se dar conta de que a aprendizagem da leitura não depende de procedimentos inteiramente mecânicos’ (...)”.

O estudante legitima suas escolhas pedagógicas referindo-se a um autor. É bastante freqüente nos relatórios de estágio que a argumentação passe exclusivamente pelo recurso ao discurso do outro. Ainda que essa prática escritural atenda bem, em certa medida, às expectativas expostas pelos professores, ela nos parece comportar potencialmente ao menos dois riscos: de um lado, pode levar o estudante a justificar qualquer comportamento, desde que ele seja preconizado – mais ou menos explicitamente – em algum texto (ainda mais que o estudante, nessa etapa de seus estudos, não consegue sempre medir a pertinência e a validade do ponto de vista que adota); de outro lado, a simples referência ao discurso do outro como argumento único mascara a importância da reflexão pessoal do estagiário (que dispensa, às vezes, o bom senso) quanto às escolhas – às vezes cruciais – que ele deve fazer frente a seu aluno, no desenvolvimento do acompanhamento escolar, que nem sempre ocorre sem discordância. Essas observações nos levam, portanto, a relativizar junto aos alunos o peso do discurso teórico no desenvolvimento da argumentação.

A introdução de uma idéia nova, outra função específica da citação nas produções dos estudantes, parece-nos interessante, mesmo se ela aparenta ser, de fato, um problema de funcionamento, na medida em que ela desvela, indiretamente, certos mecanismos pouco conhecidos que regem o uso da referência ao discurso do outro.

No enunciado a seguir, por exemplo, o fragmento citado contém, ele próprio, uma idéia nova, sem que o estudante a assuma, o que provoca um certo efeito de distanciamento:

- b) “Eu responsabilizo, de alguma forma, a impossibilidade de sua mãe de o ajudar e a ausência de seu pai, cuja ‘importância na escolarização dos jovens é freqüentemente mencionada’ (D. Boulghora)”.

Tudo se passa como se o estudante, como muitos outros, usasse a citação nos moldes do que se faz habitualmente na reformulação. Pela reformulação, há apropriação implícita do ponto de vista do autor (no caso inverso, o autor insere em seu discurso marcas explícitas de tomada de distância). Poder-se-ia imaginar um enunciado como o apresentado a seguir:

- b’) “Sabe-se, entretanto, da importância do pai na escolarização dos jovens (Boulghora)”.

Ao contrário, com a citação, sem dúvida devido à independência sintática e enunciativa do discurso citado em relação ao discurso daquele que cita, tem-se a necessidade de uma fórmula de introdução do que é citado, mesmo que mínima, que funciona como uma adesão ao discurso do outro.

Ter-se-ia, nesse caso,

- b’’) “Eu responsabilizo (...) a ausência de seu pai. Boulghora nos diz, aliás, a esse respeito, que ‘a importância do pai na escolarização dos jovens é freqüentemente mencionada’”.

Analisar esse tipo de exemplo com os estudantes parece-nos um meio eficaz de iniciá-los nos efeitos de sentido, bastante sutis, aos quais induzem certos modos de inserção do discurso do outro.

## EFEITOS DE SUPERFÍCIE QUE DESQUALIFICAM

Gostaríamos, para finalizar, de fornecer alguns elementos para a discussão sobre a maneira como o apoio no discurso do outro é avaliada e sancionada na instituição escolar e universitária. O lugar no qual o escritor coloca em relação seu propósito com o dizer do outro é, com efeito, um ponto sensível, não somente em razão das dificuldades técnicas reais que comporta todo gerenciamento enunciativo, uma vez que deve integrar diferentes vozes, mas também devido ao fato de que o principiante deve gerenciar uma outra forma de heterogeneidade, que concerne às diferenças de estatuto entre sua própria posição de escritor e aquela – evidentemente mais prestigiosa – do autor que ele cita. Esse desnível pode conduzir a efeitos que desqualificam ou que são julgados dessa forma pelo avaliador:

- seja porque o estudante esquece a diferença de estatuto, colocando no mesmo plano o que ele afirma e o que diz o autor autorizado (por exemplo, escrevendo “como escrevi anteriormente, e como Saussure igualmente diz (...)”)
- seja supervalorizando excessivamente a fala do outro e apagando também excessivamente sua própria enunciação.

Um exemplo impressionante desse segundo caso é fornecido no *corpus*; o exemplo é interessante porque nos parece ligado a um efeito de superfície, facilmente retificável:

- c) “Na qualidade de futuro professor, penso que essa experiência será enriquecedora, pois me questionei sobre as tarefas para casa e me perguntei se elas eram adequadas? Com efeito, Philippe Meirieu disse ‘tudo deve ser feito em sala’. Eu me questiono se não se deve reconsiderar o fato de dar tarefa para casa.”

Uma leve correção permitiria reescrever essa passagem da seguinte maneira:

- c’) “Na qualidade de futuro professor, penso que essa experiência será enriquecedora, pois me questionei sobre as tarefas para casa e me perguntei se elas eram adequadas. Concordando com Philippe Meirieu, que assinala que ‘tudo deve ser feito em sala’, questiono-me se não se deve reconsiderar o fato de dar tarefa para casa.”

Na segunda versão, o teor do discurso reportado não é absolutamente modificado. O que torna a passagem aceitável é simplesmente o fato de a citação aparecer como assumida pelo enunciador principal; o autor citado não é mais apresentado como autoridade infalível, mas como alguém com quem se pode estar em acordo ou desacordo. Efeito de superfície, portanto, mas que só pode ser tratado por uma reflexão sobre o que representa o fato de citar em relação à expressão de uma posição. Se o avaliador deve aprender a não dar uma excessiva importância a tais efeitos de superfície, que não implicam forçosamente uma posição de submissão (ou inversamente de desenvoltura) em relação ao ponto de vista dos autores citados, importa também ensinar os estudantes a construir uma posição enunciativa legível, quando eles se apóiam em citações.

## PARA CONCLUIR

O apoio no discurso do outro é delicado, e mesmo os especialistas, às vezes, falham em seu gerenciamento (Grossman, a sair). O estudo que apresentamos chega à conclusão de que, por razões bastante diversas, seria inútil querer modelar as

práticas dos principiantes nas dos especialistas. Como o tempo da escrita teórica é um tempo longo, que supõe conceptualização e apropriação, convém aceitar as funções específicas do discurso do outro e, em particular, da citação, nos textos dos principiantes. Se eles privilegiam a citação, é porque ela autoriza o gesto paradoxal de inserção de um discurso que é, quase sempre, radicalmente outro (em seu vocabulário, em seu estilo, pelos espaços teóricos que abre), dentro de um discurso tateante, às vezes disforme, mas no qual eles aprendem a se constituir como sujeitos. Desse ponto de vista, a citação pode constituir uma ajuda à escritura, tendo em vista que ela permite ao escritor iniciante emprestar as palavras dos outros para assumir sua própria voz, suas próprias escolhas. A ilhota citacional representa, sem dúvida, um apoio no caminho dessa apropriação, já que permite uma integração enunciativa preservando, ao mesmo tempo, as palavras do outro. Pode-se, também, encorajar os estudantes a proceder a reformulações mínimas, bem próximas da citação, pois, como mostramos, a citação – e em particular a ilhota citacional – tem, às vezes, para eles, o mesmo papel que a reformulação para os especialistas.

Sensibilizar os estudantes universitários quanto à diversidade de formas do discurso do outro e quanto à complexidade de modalidades de inserção parece, assim, fundamental, com a condição de que se evitem duas derivas. A primeira consistiria em pretender instituir muito rapidamente o sujeito escritor como sujeito teórico, capaz de gerenciar e dominar um campo ou uma problemática. Não se faria, nesse caso, nada mais do que reforçar o sentimento de incapacidade ou de bloqueio e acentuar a insegurança. A segunda – aquela que identificamos nos manuais ou obras prescritivas – consistiria em abordar essas questões apenas sob um ângulo estritamente técnico. A via que nos parece mais adequada visa a melhor assegurar a ancoragem enunciativa do posicionamento do escritor e favorecer sua tomada de consciência dos movimentos epistêmicos.<sup>7</sup> Isso supõe que o estudante aprenda a manifestar um acordo ou desacordo, mas também, de maneira mais geral, que ele tome consciência do que pode representar uma posição teórica em um campo conflituoso. Em suma, é necessário ajudá-lo a passar de uma visão convencional a uma concepção verdadeiramente dialógica da escrita.

---

<sup>7</sup> Por exemplo, solicitando que se marque explicitamente um ponto de vista pessoal quando várias posições contraditórias são referidas a diferentes autores.

## RÉSUMÉ

Cet article se donne comme objet d'étude la citation dans les textes théoriques que doivent produire les étudiants à l'université. Dans une première partie, il traite d'abord de la façon dont est abordée la citation dans les manuels de méthodologie de l'écrit destinés aux étudiants. L'analyse de ces ouvrages met en lumière un manque général d'ancrage théorique dans l'appréhension de la citation, qui est traitée le plus souvent sous un angle moralisateur et techniciste. La deuxième partie propose des directions de travail visant à intégrer la citation dans des pratiques d'écriture plus générales. Il s'agira en particulier de restituer à la citation sa dimension esthétique, de mieux prendre en compte sa dimension fonctionnelle et son rôle de légitimation, et enfin de permettre aux étudiants d'accroître son potentiel productif de sens. La troisième partie, illustrative, identifie certains dysfonctionnements à l'œuvre dans les pratiques citationnelles d'étudiants de 2<sup>ième</sup> année lorsqu'ils sont confrontés à l'écriture d'un rapport de stage.

**Mots-clés:** Citation; Discours d'autrui; Pratiques d'écritures à l'université; Discours théorique; Didactique de l'écriture.

### Referências bibliográficas

BOCH, Françoise. **La tâche d'écriture et de réécriture à l'université: la prise de notes, entre texte source et texte cible.** Lille: Presses du Septentrion, 1999.

BOCH, Françoise; Grossmann, Francis (Ed.). De l'usage des citations dans le discours théorique: des constats aux propositions didactiques. *Lidil*, n. 24, p. 91-112, 2001.

DAUNAY, B. **La paraphrase dans l'enseignement du français.** Berne: Peter Lang, 2002.

GROSSMANN, Francis. Les modes de référence à autrui: l'exemple de la revue *Langages*. *Faits de Langue*, n. 18. (no prelo).